



Eixo: Classes sociais, geração e Serviço Social.

Sub-eixo: Envelhecimento.

O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

LETÍCIA FERNANDA OLIVEIRA CUSTÓDIO¹

Resumo: No atual contexto de crise do capitalismo, observamos um crescente envelhecimento populacional, que altera significativamente a realidade da classe trabalhadora. Diante deste cenário, é fundamental o desenvolvimento de estudos sobre o envelhecimento, nosso objetivo neste trabalho é analisar o processo de envelhecimento populacional em sua dinâmica e estrutura, a partir do referencial materialista histórico dialético. Concluímos que o envelhecimento trata-se de uma expressão da “questão social”, que apresenta determinações econômicas, sociais e psicológicas.

Palavras-chave: envelhecimento; capitalismo contemporâneo; marxismo.

Abstract: In the current crisis of capitalism, we observe a growing population aging, which significantly changes the reality of the working class. Given this scenario, it is fundamental to develop studies on aging, our objective in this work is to analyze the process of population aging in its dynamics and structure, from the dialectical historical materialism referential. We conclude that aging is an expression of the "social issues", which presents economic, social and psychological determinations.

Keywords: aging; contemporary capitalism; marxism.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é problematizar o processo de envelhecimento na sociedade moderna com fundamento no referencial teórico e metodológico do pensamento de Marx. O emprego desta perspectiva assenta-se na convicção que o método materialista histórico dialético é o único que permite ultrapassar a imediatividade e superficialidade típica do cotidiano, alcançando a essência dos fenômenos pesquisados num processo de investigação da história, o qual possibilita apreender o objeto em seu movimento e mediação com a totalidade.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: <leticiafcustodio@gmail.com>

A escolha por este objeto justifica-se pelo atual processo de envelhecimento populacional verificado mundialmente e em especial no Brasil, que é acompanhado pela ampliação de estudos e políticas públicas para este grupo populacional referenciadas em abordagens a-históricas e fragmentadas que ocultam determinações constituintes do envelhecer na sociedade capitalista contemporânea².

De forma oposta, neste trabalho o envelhecimento é investigado sob o fundamento das categorias marxistas, isto é, como um processo histórico e condicionado pelo modo de produção da vida material, o qual precisa ser entendido considerando os efeitos da contradição entre capital e trabalho, que são inerentes a este modo de produção, na vida e velhice dos trabalhadores. Para tanto, utilizamos de categorias caras a tradição marxista como trabalho, tempo e reificação.

Com o intuito de produzir reflexões iniciais sobre o envelhecimento no capitalismo sob o método histórico dialético, o presente estudo encontra-se estruturado em três partes. Primeiramente apresentaremos uma breve exposição dos fundamentos do método materialista histórico dialética para em seguida analisarmos a conformação do envelhecimento na sociabilidade burguesa. Por fim, são levantadas reflexões sobre as contribuições de se pensar o envelhecimento a partir do método materialista histórico dialético.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Considerações sobre o método em Marx

Em primeiro lugar, cabe explicitar que a teoria social crítica de Marx é de natureza ontológica. Forti (2009) esclarece que a ontologia é uma perspectiva de investigação filosófica que em seus diferentes formatos remonta a Grécia Antiga e pode ser definida como o estudo e conhecimento da realidade em sua essência. A partir das reflexões da referida autora, entende-se que a inovação do pensamento de Marx é conceber a ontologia através de uma perspectiva material e social em que a práxis adquire centralidade.

² O interesse na discussão deste tema advém do projeto de pesquisa da autora deste texto que tenciona discutir o processo de trabalho de assistentes sociais nos serviços de atenção à saúde do idoso.

Konder (1988) aponta que o método de Marx é marcado pela crítica³ da dialética tal qual formulada por Hegel, de quem conserva o entendimento da realidade como processo em movimento em constante contradição e o conceito de totalidade, a qual é associada ao posicionamento revolucionário marxiano. Em Marx (2007) a perspectiva dialética adquire base material e histórica, o ser – real e concreto- apresenta prioridade ontológica às outras esferas

Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida (Marx, 2007, p.94).

Neste sentido, o autor se contrapõe a abordagens idealistas, as quais consideravam que o plano ideal originava o real, concebendo a história como produto do trabalho humano. Para Marx (2007), a existência da realidade não só independente da consciência como a última é determinada pelo mundo material, diante disto, conclui-se que para Marx o modo que os homens produzem e reproduzem a vida material condiciona as relações sociais e formas de consciência que se efetivam naquele momento da história

No que tange ao método de investigação da realidade proposto por Marx, três categorias são consideradas como centrais: a totalidade, a mediação e a contradição (NETTO, 2011). Marx concebe a realidade como totalidade concreta, que é constituída por diversas totalidades, as quais ao seu modo são todas contraditórias, o que resulta no dinamismo incessante. Tais totalidades apresentam diferentes complexidades e distinto grau de determinação sobre as demais, no entanto é importante destacar que estão articuladas por um sistema de mediações internas e externas, sendo fundamental que o pesquisador encontre as relações entre os processos.

Isto posto, Netto (2011) afirma que para Marx a teoria⁴ representa a reprodução no plano do pensamento da realidade objetiva, o que deve ser efetuado apreendendo o objeto na maneira que este se constitui

³ Utilizamos a definição de crítica tal qual Marx propunha, isto é, como análise dos fundamentos, condicionantes e limites do conhecimento existente pela verificação de sua verdade perante a práxis social e histórica (NETTO, 2011).

⁴ De maneira sucinta pode se afirmar que a teoria para Marx constitui o modo de conhecimento que se particulariza por apresentar como finalidade o conhecimento preciso de um fragmento da realidade, ou seja, do seu objeto.

concretamente: em sua estrutura e dinâmica. No entanto, o marxista brasileiro ressalta que esta apreensão do real não é dada de forma imediata, tendo em vista que a realidade não se esgota em sua aparência, de maneira que o trabalho de investigação é justamente ultrapassar a esfera fenomênica, que constitui o ponto de partida do conhecimento, e alcançar o processo de seu objeto, ou seja, a essência.

Para apreender a essência do objeto delimitado, cabe ao pesquisador realizar uma série de abstrações sob o real aparente, o que significa isolar o objeto retirando suas determinações mais concretas até alcançar as mais simples, a fim de captar as múltiplas determinações que compõe o seu objeto de forma concreta possibilitando analisá-lo como uma totalidade rica em determinações conectadas por mediações. De acordo com o próprio autor alemão (1984)

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações e, por isso, é a unidade do diverso. Aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, e não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida, e, portanto, também, o ponto de partida da intuição e da representação (MARX, 1984, p.14)

No método proposto por Marx, partindo-se do concreto efetivo – a realidade – eleva-se do abstrato ao concreto. Por meio das abstrações, o pesquisador realiza uma síntese das determinações que constituem o objeto, de maneira que ao retornar ao concreto, este é um concreto pensado, uma unidade da diversidade. (NETTO, 2011). Mediante este processo, o método materialista histórico dialético permite apreender o objeto pesquisado tanto em sua aparência como em sua essência.

Entretanto, o modo de conhecimento de realidade prevalecente atualmente apresenta outras bases, que negam o compromisso de apreender a realidade na maneira que ela se objetiva. Conforme evidenciado por Lukács (1986) ao se consolidar enquanto classe dominante, inicia-se a decadência ideológica da burguesia, que para dar continuidade a sua supremacia não pode revelar as contradições da realidade, de forma que os ideólogos burgueses abandonam, o compromisso de conhecer a realidade, a qual passa a ser interpretada de forma superficial, acrítica e fragmentada.

Esta lógica perpassa a maioria dos estudos contemporâneos sobre o processo de envelhecimento⁵, o qual costuma ser pensado de forma fragmentada e a-histórica, num processo que pode revelar traços pertinentes do envelhecer na sociabilidade do capital, mas que também oculta. Nesta perspectiva o envelhecimento populacional é recorrentemente tratado como um problema e as soluções para um “envelhecimento bem sucedido” desconsideram as contradições produzidas pelo modo de produção capitalista. Por conseguinte, é possível afirmar que hegemonicamente o envelhecimento é analisado no mundo da pseudoconcreticidade, conforme a designação de Kosisk (1976), no qual os objetos são considerados apenas em sua fenomenalidade, com uma aparente naturalidade e desconexo da totalidade.

Como já apontado anteriormente, o esforço analítico deste trabalho é apreender o processo de envelhecimento como uma rica totalidade, dispondo da história como instância de verificação do conhecimento, conforme o método materialista histórico dialético. Nesta concepção, é necessário entender o processo de envelhecer como um produto histórico, o qual é determinado pelo sistema capitalista.

Neste sentido, pode se definir o envelhecimento como um processo natural e irreversível a todos os seres vivos, que pode ser concebido como uma série de transformações biológicas degenerativas em virtude do tempo cronológico, que aumenta a probabilidade de morte, sem, no entanto, significar necessariamente a ocorrência de patologias (BRASIL, 2006). Entretanto, apesar dessa linha interpretativa estar fundamentada num saber científico, verifica-se que apresenta claros limites, pois não é suficiente explicar o envelhecimento apenas em seu aspecto biológico, visto que o homem se diferencia da natureza ao se constituir um ser social.

Seguindo o pensamento lukacsiano, Forti (2009) esclarece que a existência do ser social pressupõe que haja vida orgânica e inorgânica, de modo que o ser social não abandona o ciclo de vida da natureza: na verdade articula estas diferentes modalidades. Dito isto, para autora citada o ser social se constitui como um ser novo, de maior complexidade, que se distingue da

⁵ Tal afirmação é assentada nas conclusões da brilhante investigação de Haddad (2016) acerca das representações da velhice produzidas pelo Estado, pela literatura científica produzida por geriatras e gerontólogos e o discurso que fundamenta programas do Serviço Social do Comércio (SESC) direcionados aos idosos.

natureza ao construir a si mesmo através do trabalho enquanto produz a história.

Nesta perspectiva, o trabalho é a categoria fundante do ser social, a qual deve ser entendida como atividade específica do homem caracterizada por partir de uma prévia ideação o homem transformar a natureza a fim de satisfazer uma necessidade (FORTI, 2009; MARX, 2007). Marx (2007) sustenta que nesse processo o homem modifica a si próprio, pois são produzidas novas necessidades e ainda se difunde a sociabilidade pela promoção de crescente interação entre os homens.

Em síntese, com referência nas reflexões de Forti (2009), entende-se que o trabalho distancia e diferencia o homem de suas bases naturais, sem jamais eliminá-las, à proporção que as vidas tornam-se, de maneira crescente, determinadas socialmente

Sob estas circunstâncias, é evidente que o envelhecimento não se estabelece apenas como fenômeno biológico, visto que o homem não se restringe aos aspectos orgânicos e inorgânicos. O reconhecimento do homem enquanto ser social pressupõe que o envelhecimento seja pensado como uma rica totalidade, que conserva os elementos biológicos, mas inclui outros determinantes, sendo condicionada pelo modo como é organizada a produção e reprodução da vida material. Esta afirmação é de vital importância, pois conforme defendido por Meszáros (2002), o capital apresenta um sistema sociometabólico que controla toda estrutura de produção e reprodução da existência humana, as quais se tornam submetidas à lógica imperante do capital.

2.2A concepção marxista de envelhecimento

Neste trabalho adota-se a concepção de envelhecimento formulada por Teixeira (2008) que o entende como um processo biopsicossocial que ocorre durante toda a experiência de vida do ser humano, sucedendo-se de forma heterogênea, sujeita aos condicionantes de classe, gênero, etnia e raça do indivíduo. Para a referida autora o envelhecimento da classe trabalhadora se constitui uma expressão da questão social, de modo que só pode ser

processo de trabalho no capitalismo⁷ é direcionado para obtenção da mais-valia para a burguesia, de modo que no modo de produzir a vida material não há uma preocupação com a satisfação das necessidades sociais do conjunto de sociedade.

Em suma, no modo de produção capitalista a riqueza é socialmente produzida, porém a apropriação desta é privada pelos. Deste modo, não há uma congruência entre a ampliação de riqueza no capitalismo e a melhora das condições de vida de toda a sociedade, na realidade o que a teoria marxiana observa é o oposto. No *Capital* (2013), Marx explica exaustivamente como o desenvolvimento capitalista é mediante a intensificação da exploração e domínio sobre a classe trabalhadora, o que é acentuado pela produção de uma superpopulação de trabalhadores disponível aos interesses do capital como efeito do desenvolvimento das forças produtivas⁸; assim se constitui a lei geral de acumulação capitalista

Quanto maiores forem à riqueza social, o capital em funcionamento, o volume e o vigor de seu crescimento e, portanto, também a grandeza absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior será o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível se desenvolve pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva acompanha, pois, o aumento das potências da riqueza. Mas quanto maior for esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto maior será a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do martírio de seu trabalho. Por fim, quanto maior forem as camadas lazarentas da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior será o pauperismo oficial. Essa é a lei geral, absoluta, da acumulação capitalista. Como todas as outras leis, ela é modificada, em sua aplicação, por múltiplas circunstâncias, cuja análise não cabe realizar aqui (MARX, 2013, p. 833).

Portanto, nota-se que o capitalismo está estruturado na contradição entre capital e trabalho na qual, de forma inédita, a ampliação da pobreza é produzida socialmente, em virtude da contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas, que são crescidamente socializadas e as relações de produção, que garante a apropriação privada.

⁷ Para Marx, o processo de produção capitalista é unidade de processo de trabalho e processo de formação de valor, o qual constitui sua razão de ser (MARX, 2004).

⁸ Com o avanço da tecnologia no processo produtivo, no modo de produção capitalista forma-se uma força de trabalho excedente, incapaz de vender sua única mercadoria – a força de trabalho. De acordo com Marx (2003), o exército industrial de reserva não apenas é inerente ao capitalismo como desempenha funções fundamentais para a reprodução do capital como o rebaixamento de salários dos trabalhadores e disponibilidade para absorção pela burguesia quando necessário ao processo produtivo.

Para Netto (2001), a lei geral de acumulação capitalista é a base para a “questão social” que, deste modo, é entendida como um elemento insuprimível deste modo de produção. Nas reflexões deste autor a “questão social” deve ser entendida como expressão da contradição entre capital e trabalho que desponta em uma série de manifestações como pobreza, desemprego, analfabetismo, violência, entre outras, as quais se configuram de diferentes maneiras de acordo com a etapa do capitalismo, as particularidades econômicas e históricas do país e a correlação de forças entre as classes, considerando que “questão social” também é luta e resistência (NETTO, 2001).

Feitas estas considerações, fica evidente que nesta formação social o ciclo de vida daqueles que vivem do trabalho é marcado pela exploração e pobreza. Os trabalhadores não têm suas necessidades sociais atendidas, encontrando-se num incessante quadro de pobreza com condições de vida precárias, sem acesso adequado à habitação, educação, lazer, saúde e outros mínimos sociais. Ao entendermos o envelhecimento como um processo que ocorre ao longo da vida dos sujeitos é evidente que este é condicionado pelas condições de miséria citadas acima, de forma que não é possível conceber um envelhecimento saudável numa sociedade que expropria a massa de trabalhadores de condições de vida dignas.

Sob esta linha analítica, Teixeira (2008) alerta que a exigência incessante dos capitalistas pela produtividade nos processos de trabalhos impele um uso intensivo e extensivo da força de trabalho o que intensifica e antecipa o declínio biológico, inclusive sendo propulsor de debilidades físicas e mentais na velhice.

Ademais, na perspectiva adotada por este trabalho, que é corroborada pelo estudo de Teixeira (2008) e dados da Síntese de Indicadores Sociais de 2015 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁹, a precariedade das condições de vida do trabalhador é acentuada na velhice. As contradições do capitalismo são ampliadas nesta etapa da vida, pois os trabalhadores somam a expropriação dos meios de produção com a qual conviveram ao

⁹ Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada em 2012 revelam que em 64,2% dos domicílios o idoso é a pessoa de referência para provisão da família, sendo que 43,5% residiam em domicílios com rendimento mensal per capita igual ou inferior a um salário mínimo e ainda que 23,7% das pessoas acima de 60 anos não recebem nenhum tipo de aposentadoria ou pensões.

longo da vida á perda de valor de uso ao capital, quando não apresentam mais condições de produzir mais valia.

Seguindo o referencial teórico metodológico de Marx, faz-se necessário apreender os fenômenos para além de sua aparência, por isso o próprio conceito de tempo de vida no capital necessita ser compreendido para além de sua pretensa naturalidade. Esta discussão será referenciada nos estudos de Kurz (1999) e Teixeira (2009) para quem “o capitalismo é antes de tudo um sistema de expropriação do tempo de vida” (TEIXEIRA. 2009, p.68).

Nota-se que ao analisar o modo de produção capitalista, Marx (2003) atribui um papel central ao tempo, tendo em vista que o objetivo do capitalismo é a crescente obtenção de mais valia, a qual é extraída do tempo de trabalho excedente. Esta reflexão que permite Teixeira (2009) afirmar que a transformação do trabalho humano em trabalho abstrato¹⁰ pela busca incessante por mais valia exige que o tempo também seja abstrato, com um caráter completamente diverso as sociedades anteriores. Observa se que o tempo está submetido às necessidades do sistema de reprodução sócio metabólico do capital, de tal modo que os trabalhadores são expropriados de seu tempo sem a oportunidade de definir seu ciclo de vida.

Kurz (1999) defende que no capitalismo há uma cisão entre tempo de trabalho e tempo livre. O trabalho abstrato é vivenciado como tempo vazio de significado e cerceador, o que o trabalhador anseia é pela realização do seu tempo livre, isto é, do seu tempo fora da jornada de trabalho. Entretanto, Kurz (1999) afirma que para o capital o tempo livre deve ser reduzido ou, ao menos, controlado, o que a nosso ver é exacerbado com a difusão das tecnologias de informação que permitem a disponibilização integral ao trabalho.

Em continuidade ao nosso esforço teórico de interpretar o envelhecimento a partir do método elaborado por Marx, é necessária a mediação entre as alterações psicológicas sucedidas no processo de envelhecimento com o modo de produção capitalista. Neste sentido, entendemos que a desvalorização dos idosos na sociedade do capital é um fator de impacto na saúde mental dos idosos, que apenas pode ser

¹⁰ Para Marx (2003), no modo de produção capitalista, o trabalho se converte em trabalho abstrato, pois a finalidade da atividade é a produção de valor, de maneira que o que interessa ao capitalista é a quantidade de trabalho despendida, porquanto diferentes trabalhos são considerados iguais.

compreendida de forma completa se considerada a reificação das relações sociais.

O movimento de reificação (ou coisificação) das relações sociais pode ser concebido como um efeito de dois fenômenos decifrados na teoria marxiana: a alienação e o fetichismo da mercadoria (2003). Em o Capital (2003), Marx explica que a construção do valor de uso da mercadoria, alicerçado na divisão social do trabalho e a propriedade privada, oculta o caráter social do trabalho e desponta a mercadoria como uma forma autônoma, independentes dos homens. Nesta formação sócio-econômica o mercado é o espaço de encontro dos trabalhadores, de maneira que a relação de troca aparenta ser entre coisas e não entre pessoas, assim

[..] ou, dito de outro modo, os trabalhos privados só atuam efetivamente como elos do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio destes, também entre os produtores. A estes últimos, as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem como aquilo que elas são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, mas como relações reificadas o entre pessoas e relações sociais entre coisas (MARX, 2003, p.207).

Conforme exposto na citação acima, o fetichismo da mercadoria resulta na reificação das relações entres os homens, que de forma invertida aparece como relação entre coisas. A espécie humana não se reconhece enquanto tal e a valorização é predominantemente medida pela riqueza material ou utilidade econômica ao capital.

Neste modo de produção não há valorização do gênero humano e suas possibilidades, as relações sociais são mercantilizadas e a lógica do valor impera. Dito isso, torna-se evidente que a sociabilidade burguesa é incompatível com a valorização da figura do idoso por sua experiência, pois apenas se estima o “ter” e o caráter social é negado com a ascensão de um crescente individualismo. A velhice é desvalorizada por não ser um momento de produtividade do trabalhador, sendo associada ao ócio, a dependência e os idosos são recorrentemente culpabilizados por seu estado de pobreza, necessidade de ajustes fiscais e crises econômicas¹¹.

¹¹ Esta situação pode ser exemplificada no discurso sustentado pela grande mídia e políticos brasileiros para quem o envelhecimento populacional no país gerou um rombo na previdência social, de maneira que defendem a (contra) reforma da previdência como medida indispensável. Isto é, o envelhecimento da população é utilizado como justificativa para a destituição de direitos.

Na década de 1960, Beauvoir (1970) identificava que a velhice era marginalizada, sendo associada a um período de perdas e declínio, o que a nosso ver persiste. Entretanto, na contemporaneidade é possível observar que o capital em sua busca de novos espaços para lucratividade busca promover novas imagens sociais da velhice, que passa a ser considerada uma etapa de lazer e bem estar. Entendemos que ambas as interpretações conservam as relações sociais centradas na troca e negam a velhice enquanto produto histórico do capitalismo.

Teixeira (2008) apresenta importantes reflexões sobre a desvalorização do idoso na sociedade capitalista. Segundo a autora, numa sociedade centrada na troca de mercadorias a lógica de valorização do indivíduo social é de acordo é consoante com a capacidade de gerar mais-valia ao capital, em outras palavras, o ser humano apenas é estimado enquanto força de trabalho em total condição de produzir ou como consumidor. Ademais, conforme já mencionado neste estudo, no modo de produção capitalista as relações sociais são exercidas via mercado, de maneira que o idoso é afastado inclusive na sociabilidade.

De tal modo, alterações psicológicas advindas do envelhecimento não podem ser desvinculadas ao quadro citado. Estudos que se propõe a desvelar os aspectos psicossociais da velhice precisam apreender as implicações dos valores e da sociabilidade do capitalismo na dimensão psicológica. Assim, ressalta-se a necessidade realizar mediações entre as diversas totalidades para compreender o envelhecimento em todas suas determinações o que, novamente, remete a centralidade do modo que o homem produz e reproduz a vida material.

É importante salientar como o quadro exposto, principalmente no que se refere às condições de vida da classe trabalhadora, é agravado em consequência do acirramento das contradições do capitalismo após a crise de 1970, conforme demonstrado por diversos autores (HARVEY, 1990; IAMAMOTO, 2009; BHERING E BOSCHETTI, 2006; MOTA, 1995).

Mota (1995) sustenta na década de 1970 há um esgotamento do padrão de acumulação capitalista vigente¹² dando início a uma crise¹³ que perdura até a contemporaneidade, a qual se distingue por sua abrangência mundial, longa duração e caráter social por atinge todo o conjunto da sociedade burguesa. Conforme exposto por Berhing e Boschetti (2006), após as crises, o capitalismo promove reconfigurações a fim de tentar recuperar a taxa de lucros, que para as autoras apresentam como atributos principais a: reestruturação produtiva, mundialização combinada ao processo de financeirização da economia e reajuste do Estado sob o ideário neoliberal.

As transformações no modo de produção capitalista são entendidas por Harvey (1990) como a instauração do regime de acumulação flexível, que, com base na revolução tecnológica e organizacional, promove a flexibilização dos processos e mercado de trabalho, assim como dos padrões de consumo. O geógrafo britânico destaca como estas transfigurações desencadeiam profundas alterações nas condições de vida e trabalho pelo enfraquecimento da classe trabalhadora provocado pelo aumento do exército industrial de reserva com a ampliação do desemprego associada ao aumento do trabalho temporário, formal e do sub contrato.

No que tange ao Estado, Berhing e Boschetti (2006) apontam que na década de 1990 o ideário neoliberal já alcançava hegemonia mundial, apelando ao discurso que os excessivos gastos sociais e força dos sindicatos foram os responsáveis pela crise, de maneira que era necessária a instauração de um Estado mínimo, que não interviesse na regulação das relações sociais nem produzisse entraves para a livre circulação do capital. Neste cenário, há uma expressiva redução do orçamento com as políticas sociais, as quais adquirem formatos parcos e focalizados, acirrando as desigualdades sociais (BERHING E BOSCHETTI, 2006).

Em síntese, concordamos com lamamoto ao afirmar que

Assim, se de um lado, o agravamento da “questão social” – em especial o crescimento massivo do desemprego e níveis alarmantes

¹² A autora refere-se que ao padrão de acumulação fordista-keynesiano, que prevaleceu nos países centrais nos 30 anos pós Segunda Guerra Mundial, o qual foi caracterizado pela regulamentação social e econômica do Estado, aliando crescimento econômico a uma significativa melhora no padrão de vida dos trabalhadores em razão da política de pleno emprego e de políticas sociais amplas com caráter redistributivo e universal.

¹³ É válido apontar que para Marx (2003) a sucessão de crises é inerente ao modo de produção capitalista, como resultado das próprias contradições postas pelo capital.

da pobreza e requer maior cobertura governamental, de outro lado, o Estado passa a adotar estratégias de focalização, privatização e das políticas sociais (IAMAMOTO, p.53, 2009).

Estes retrocessos sociais atingem particularmente a população idosa, que não tem seus direitos sociais garantidos pelo Estado e ainda são penalizados com o agravamento das expressões da “questão social”, pois conforme já indicado anteriormente os idosos tendem a vivenciar uma inserção socioeconômica extremamente precária e a sofrer com a desvalorização típica da ordem capitalista.

Ademais, verificamos que o Estado neoliberal promove uma transferência da responsabilidade sob a proteção social ao idoso para o âmbito doméstico, que é considerada família a primeira instância na garantia dos direitos aos idosos.

Isto vem ao encontro das reflexões de Mito (2010) que identifica que a família é historicamente um campo de proteção social e que sua relação com as políticas sociais ocorre através de duas concepções: uma concepção entende que as redes informais são as esferas naturais de proteção aos indivíduos, e para a outra para qual o Estado deve atuar como principal provedor de proteção social, através da perspectiva dos direitos sociais.

Observa-se que a perspectiva teórica que referencia as políticas sociais atuais é a que compreende a família como a principal instância de proteção social, cabendo ao Estado assumir um papel secundário, que apenas intervém quando a família não tem condições de arcar com a provisão do bem estar do indivíduo (Mito, 2010). As políticas sociais pautadas no ideário neoliberal destacam as redes de apoio informal como preponderantes, com o acesso aos direitos sociais sendo atrelado à ausência de condições da família em prover às necessidades básicas.

Isto exposto torna-se evidente que a transição demográfica em vigor apresenta como desafio a criação de políticas públicas que permitam um envelhecimento digno, de maneira que o envelhecimento possa ser considerado como uma conquista para a classe trabalhadora, pois não basta um aumento no tempo de vida, mas o ganho de anos com acesso à saúde, habitação, cultura, entre outras demandas sociais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no referencial teórico-metodológico elaborado por Marx, o propósito deste estudo foi investigar o processo de envelhecimento em sua essência, reconhecendo que o dever do pesquisador é reproduzir o real o mais fielmente possível. Procuramos demonstrar que o envelhecimento constitui uma totalidade em movimento rica em determinações repletas de contradições, as quais são articuladas por um sistema de mediações, o que significa conceber o envelhecimento como um processo biopsicossocial que perpassa toda a vida do indivíduo.

Esta perspectiva permite ultrapassar o mundo da pseuconcreticidade e inscrever o envelhecimento na história, superando abordagens que o apreendem apenas como fenômeno natural e individualizado, uma vez que reconhecemos o homem enquanto ser social. Deste modo, as condições materiais de existência precisam ser analisadas a fim de entender como o envelhecimento pode ser experienciado em determinado momento histórico.

Observado o ponto de vista dialético, entendemos que é necessário captar as novas contradições que irrompem e transformam o processo de envelhecimento, sendo assim de extrema importância refletir como o acirramento da contradição do modo de produção capitalista vivenciadas na atualidade irá impactar no envelhecimento dos trabalhadores.

Parafraseando Marx (2003) é necessário investigar o destino da velhice da classe trabalhadora em tempos de desumanização, precarização das relações de trabalho, aumento do desemprego e redução de direitos sociais. Nesta lógica, reafirmamos a impossibilidade de um envelhecimento de qualidade numa sociedade sob o controle do capital, que é antagônica a realização do gênero humano.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEHRING, Elaine R.; BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social**: fundamentos e história. São Paulo, Cortez Editora, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Envelhecimento e saúde da pessoa idosa**. CADERNOS DE ATENÇÃO BÁSICA. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

FORTI, V. **Ética, crime e loucura**: reflexões sobre a dimensão ética no trabalho profissional. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.

HADDAD, E G. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 2016.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

IAMAMOTO, M V. **Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KONDER, L. **A derrota da dialética**: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta. Rio de Janeiro, Campus, 1988

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. 2. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1976.

KURZ, R., 1999. A expropriação do tempo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 jan. Caderno 3. p. 5.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política, 10. ed., São Paulo: Difel, 1985.

_____. **Grundrisse**: Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MIOTO, R.C.T. Família e Assistência Social: Subsídios para o debate do trabalho dos assistentes sociais. In: Duarte, Marco José de Oliveira; Alencar, Mônica Maria Torres. (Org.). **Família Famílias**: Práticas Sociais e Conversações Contemporâneas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010, v. 1, p. 3-32.

MOTA, A. E. **Cultura da crise e seguridade social**. São Paulo: Cortez, 1995, cap.1, 2 e 3.

NETTO, J.P. Cinco notas a propósito da “Questão Social”. **Temporalis**, Brasília, n. 3, 2001.

TEIXEIRA, S. M. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital**: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008. v. 1. 326 p.